

PREFÁCIO

O tempo não passa.

Principalmente para essa complicada relação entre a produção do saber - as coisas que saem das pesquisas, mestrados e doutorados das universidades - e os demais mortais das diversas profissões. Em educação - como de resto na maioria das áreas - isso é o comum. As prateleiras estão cheias de teses. Ninguém as usa. Esse era um ponto que me parecia de fundamental importância atacar. Estava eu no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP, convidado inicialmente para cuidar de uma linha de trabalho e pesquisa chamada livro didático. Começamos a discutir internamente, depois com a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), depois com colegas das universidades. Nem sempre necessariamente nesta ordem. Foram cerca de 12 meses de blá-blá-blá. A proposta do INEP foi amadurecendo. Virou o documento "LIVRO DIDÁTICO: programa de pesquisas e ações". Documento este remetido prá um monte de gente: professores, pesquisadores, programas de pós graduação, órgãos do governo. Eram nossos "consultores permanentes". Queríamos, e eu particularmente gosto muito de trabalhar assim, que o documento que marcasse a linha de trabalho de um órgão de pesquisa - o INEP - e de um órgão executor de políticas - a FAE - fosse o mais representativo possível das diversas correntes existentes no país sobre a política do livro didático.

Não há a menor dúvida, que a dificuldade maior ocorreu na nossa relação com a FAE. Nossas propostas não eram aceitas. A preocupação de lá era outra. E a nossa? Bom, a nossa era, de certa forma, muito simples. Por um lado, acreditávamos - e acredito ainda - que não se melhoraria a qualidade de livros didáticos (ou de livro, que é o mais correto) por decreto. Por outro, sabíamos que um programa de governo teria que contemplar a questão da quantidade mas, considerando que a questão da qualidade era fundamental e que teria que ser atacada com a mesma firmeza com que se atacava a questão da quantidade. Dois princípios bem claros que precisavam ser transformados em um programa de trabalho que contemplasse a necessária

e fundamental qualificação do colega professor de 1º e 2º grau - quiçá o principal leitor deste catálogo - no sentido de que pudéssemos fazer chegar até ele a produção de conhecimento sobre o tema. Em outras palavras, que o professor pudesse tomar conhecimento daquilo que estava empoeirando em muitas bibliotecas universitárias.

Para isso, nada melhor do que tentar fazer uma investigação, abrindo esse programa de trabalho, onde fossem levantadas as pesquisas, as teses, os livros, os recortes de jornais, os vídeos, enfim, tudo que falasse do tal livro didático. Em palavras mais acadêmicas: precisávamos de um estado da arte sobre o livro didático no Brasil.

Como fazer isso? Precisávamos de uma equipe que, de forma multidisciplinar, levantasse a produção, catalogasse, analisasse e desenvolvesse ao público consumidor (principalmente os professores das escolas públicas de 1º e 2º grau) o resultado de todo esse levantamento. Tínhamos muitas dúvidas sobre como fazer a escolha dessa equipe, no pouco tempo que tínhamos para alocar os tão famosos recursos suplementares.

Precisávamos de algo que andasse mesmo! Lembramos de algumas poucas instituições que estavam trabalhando com a questão. Lembramos de Campinas, da UNICAMP, porque, entre tantas outras coisas, lá existia a Associação de Leitura do Brasil - uma associação científica preocupada com a leitura no Brasil - que certamente poderia nos dar uma ajuda. Fui até lá bater um papo com um grupo de pessoas da UNICAMP, basicamente da Faculdade de Educação, do Instituto de Estudos da Linguagem e da Biblioteca Central, para ver até que ponto a nossa provocação seria por eles aceita. Conversamos muito. Trocamos idéias sobre as dificuldades da UNICAMP, do grupo que recém se formara, das condições internas de cada unidade e do conjunto delas. Ah!, creio que não preciso ficar levantando aqui as inúmeras dificuldades para que um grupo multidisciplinar, de uma universidade estadual, no Brasil de hoje, realizasse uma pesquisa nacional, histórica, analítica, com o compromisso de que o seu resultado chegasse efetivamente às escolas públicas do país. Pois é,

leitor amigo. Do INEP já sai. Já andei por outros cantos e outros caminhos. Hoje, estou de volta na UFBA, donde sai há mais de três anos com algumas dessas idéias na cabeça. E, passados esses três anos, escrevo essas palavras para apresentar-lhe o trabalho feito por aquele grupo de Campinas. Deu certo!

Está aqui o catálogo analítico do acervo sobre livros didáticos no Brasil.

Este catálogo pode permitir ao professor de 1º e 2º grau uma análise mais objetiva e detalhada dos diversos livros (didáticos) disponíveis no mercado para serem adotados (ou não!). Vai com isso, abrir espaço para, finalmente, colocar as editoras em seu devido lugar, dispensando o colega professor do assédio dos vendedores de livros didáticos que mais parecem vendedores de bugigangas e quinquilharias do que qualquer outra coisa.

E, por fim, permitirá uma identificação clara de que novas pesquisas são necessárias para o aprofundamento da temática, indicando a novos pesquisadores o que já foi pesquisado, fazendo que, com isso, não tenhamos a tradicional repetição de propostas de pesquisas, que geram tanto desperdício de tempo e de nossos tão mal aplicados recursos públicos.

Sem dúvida, com esse novo caminhar das pesquisas, este grupo da UNICAMP, e todos nós interessados em com eles interagir, teremos muito trabalho pela frente.
Que bom!

NELSON PRETTO
Praia de Busca Vida, Salvador, Bahia
junho de 1989
